

1 Formada em filosofia, com mestrado e doutorado em educação pela UNICAMP. Foi professora de filosofia na educação básica, para adolescentes, por mais de 20 anos. Atualmente é professora de filosofia na Faculdade de Educação, da UFMG. Coordena o grupelho, Grupo de Estudos e Ações em Filosofia e Educação, que atualmente investiga as possibilidades de aprender com o corpo, problematizando a cisão fundante da ontologia ocidental, entre corpo e pensamento. Está ligada ao Programa de Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social em Educação, atualmente coordenando a linha de pesquisa Currículos, Culturas e Diferença. Também ligada ao Programa de Mestrado Profissional – Educação e Docência, na linha de pesquisa Educação, Ensino e Humanidades, ambos na Faculdade de Educação da UFMG. Sua pesquisa em filosofia diz respeito às chamadas filosofias da diferença e suas possíveis conexões com educação, sob o ponto de vista político, tanto no que diz respeito à problemática da formação, quanto ao ensino de filosofia e mais recentemente investiga escritas e metodologias de pesquisa dissidentes e outras formas de se fazer filosofia.

2 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1227 – Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

3 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1730 – Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

4 Bey, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Tradução de Renato Rezende. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. Coleção Baderna.

# Criação de bandos como movimento de resistência

Renata Pereira-lima Aspis<sup>1</sup>

## Resumo

Propõe-se pensar em bandos como outro modo de organização social, que seja desvio às capturas capitalísticas neoliberais, hoje. Bando é, necessariamente, outra forma de pensar, dissidência da forma-Estado de pensar, de sentir, perceber e desejar.

## Abstract

The proposal is to think of packs (or gangs) as another mode of social organization, posed as is a diversion from contemporary neoliberal capitalistic apparatus of capture. The pack (gang, band) is, necessarily, another way of thinking, a dissent from the State-form of thinking, feeling, perceiving and desiring.

Palavras-chave: bando, resistência, dissidência, pensar de outras maneiras

Keywords: pack, resistance, dissent, other modes of thought.

A questão é: como resistir? Como resistir a políticas públicas de morte, que têm como objetivo matar as minorias, as vidas precárias que já não importam? Como resistir ao desânimo trazido por afetos ruins, que nos tiram a força de existir? Como resistir ao medo e à revolta odienta que só causam mal estar e nos deixam mais impotentes? Como resistir à incapacidade de compreensão de tantos desastros, tanta destruição da vida, tanta naturalização do insuportável e do inadmissível, que se vive no mundo de ultra neoliberalismo, no Brasil, na contemporaneidade? Como resistir a uma nova ordem mundial que é ainda pior do que a anterior?

Se juntar a um bando talvez seja uma boa resposta. Compor bandos. Matilha, cardume, malta, alcateia, corja, feixe, horda, constelação, enxame, grupelho. Um coletivo. Um coletivo que seja uma multiplicidade.

Bando na biologia traz diferenças entre as espécies, aves e macacos não funcionam da mesma forma, mas aqui queremos falar de bando de gente humana. E vamos pensar a partir de umas passadas rápidas que D&G deram nisso, em "1227- Tratado de nomadologia: a máquina de guerra"<sup>2</sup>, e em "1730- Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível"<sup>3</sup>. Queremos falar de uma coisa que estamos a inventar como tática de resistência, como Hakim Bey inventou as T.A.Z.<sup>4</sup>, as zonas autônomas temporárias.

Se juntar em bando, que seja uma multiplicidade, aqui, quer dizer: compor, sem hierarquia e sem qualquer estrutura, sem instituições e sem governo que não seja o de si. Bando não é uma forma social primitiva, anterior e inferior ao Estado, mas, ao contrário é uma (des)organização anti-Estado. Trata-se de inibir a instauração de poderes estáveis.

Depois de quatro séculos de modernidade está mais do que entendido que o Estado é um dispositivo do sistema de exploração, de infelicidade e de impossibilidade de vida da enorme maioria dos

humanos e de destruição dos outros seres do planeta, que totalizam o próprio planeta. Um sistema de sofrimento. Estamos falando de vida e não de simplesmente sobreviver, apesar de que sim, estamos falando também disso: da morte matada que o Estado pratica. Declaramos: o Estado moderno é um instrumento do capitalismo. A liberdade, igualdade e fraternidade não são para todos.

É ilógico e infame afirmar igualdade em um sistema econômico que tem justamente a desigualdade como estrutura. Como se sabe, a desigualdade social é imprescindível ao modo de funcionar do capitalismo, sendo assim, afirmamos: toda luta autêntica por igualdade é, necessariamente uma luta contra o capitalismo (pense nisso). Não há inclusão possível. Trata-se de um sistema que se estrutura na exclusão e assim tem de ser: legiões de excluídos, cada vez mais e hoje já são tantos, que já excederam o excedente necessário, não valem nada, podem ser assassinados em massa, não fazem falta, não são vidas pelas quais se lamenta a perda, não são vidas...(?).

A liberdade anunciada, no que lhe concerne, é a liberdade de acumular bens infinitamente e isso só é possível por meio da exploração da força e do tempo de vida dos outros, de muitos outros, e quase todos são esses outros.

A fraternidade por sua vez, desconfio que só haja entre aqueles que lutam contra a sua proclamação como um universal vazio de sentido e totalmente ideológico.

É sabido, a partir de Marx que a chamada acumulação primitiva do capital não se deu por meio do mérito do trabalho exaustivo e sério daqueles que não desperdiçaram e souberam economizar, em contraste com outros que foram preguiçosos ou gastadores e cheios de vícios. Não se trata da fábula da cigarra e da formiga. É mais do que ingênuo se permitir uma justificativa como essa para a brutal desigualdade social instalada no mundo hoje, é perverso. A acumulação do capital, que possibilitou o capitalismo se dá em um processo histórico e social de, em primeiro lugar, exploração daqueles que tinham sido expulsos da possibilidade de trabalho direto, expropriados de suas terras, de suas oficinas, exploração desses que já não podiam mais produzir sua subsistência e, em segundo lugar, pelo saque, pela escravização, por estupro, violência, rapinagem, destruição de povos do além mar da Europa. A acumulação do capital, no entanto, não é um ponto de origem, no passado, ela é constante, o capital não para de se recriar – por meio de crises –, para se expandir e quanto mais se expande o capitalismo, mais se aprofundam as expropriações. Depois de quatro séculos, a vida foi convertida em capital. O tempo da existência tomado pelo capital. A vida foi submetida ao capital e capital são relações humanas que geram valor ao valor, o capital só ama o capital e é capaz de tudo para crescer incessantemente, a despeito de tudo, tudo da vida.

Diz a lenda<sup>5</sup>, que o sociólogo Marcel Mauss mostrou como a festa Potlatch foi um mecanismo de impedimento da concentração de riquezas em povos indígenas da América do Norte, na fronteira com o Canadá. Essa festa consistia em um ritual no qual havia um homenageado que deveria, no banquete festivo com parentes e amigos, doar todos os seus bens, todos os bens que tinha

6 "Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobre-codificação: aquilo que se atribui a uma 'evolução dos costumes', os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (Deleuze; Guattari, *Micropolítica e Segmentaridade*. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 94).

7 Sobre rizoma: "Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ( $n-1$ ). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear" (Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Introdução: *Rizoma*. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, p.32)

8 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1227 - Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

acumulado, as peles das caças curtidas, óleo de foca, etc., tudo. A expectativa do homenageado, que saía da cerimônia, "pobre", era a de receber doações dos outros, quando esses fossem homenageados. Consta que, no entanto, em seu modo radical, em alguns casos, os bens doados eram simplesmente destruídos depois da festa, ou seja, a ideia não era nem a de distribuição de riquezas, mas a de não-enriquecimento. Contudo, no final do século XIX, os governos tanto dos Estados Unidos quanto do Canadá proibiram essas festas por considerarem que se tratava de desperdício irracional de riquezas. (Veja bem a ideia de racionalidade aí implicada).

Perceba que essa era uma festa para redistribuição de bens, para impedir a acumulação de bens materiais, evitar a desigualdade. Depauperar o indivíduo, evitando que acumulasse posses, era considerado uma homenagem! Um favor que se fazia àquele que já acumulava patrimônio e, antes de mais nada, talvez, um bem que se fazia à coletividade. Queremos afirmar a festa Potlatch como um dispositivo coletivo anticapitalista. Façamos Potlatch!

O capitalismo, com o seu Estado, é um modo de produção, econômico e, portanto político e social, que se tornou um sistema de produção de vidas, aliás, de vida, é sempre a mesma, há um modo de vida e o novo, ou "novidade", como é chamado, é sempre algo regurgitado, o já visto, o já consumido, que reaparece com nova capa, num processo constante de auto-referenciamento. Há um modo de pensar e de sentir, de perceber, de temer e de sonhar, de se ver e de cuidar, um modo de desejar. Mas, alguma coisa sempre escapa, disseram D&G<sup>6</sup>. Escapemos, pois!

Bando é mecanismo coletivo de inibição de formação de Estado. Inibir a constituição da forma-Estado de pensar, da forma-Estado de sentir, de perceber, de fazer sexo, de escrever. O que estamos pensando aqui é em encontrar formas de impedir que se produza a forma-Estado de desejar e de ser humano.

Bando não é família. Não tem papai-mamãe, fraternidade, não precisamos disso. Não é uma organização familiar e tampouco uma organização de aparelho de Estado. Um bando é uma multiplicidade, um sistema sem centro, multidimensional, que não se define por seus elementos, mas pelas conexões e desconexões que vai fazendo: agenciamentos, essas são suas dimensões. Sistema sem gerais, sem centro, sem poder fixo, que muda de natureza a cada nova conexão. Muda de natureza, ou seja: não tem essência. Não há algo que o defina e o constitua, independente dos acontecimentos, não há uma essência imutável, dada a priori. Não há o uno, o idêntico. Uma multiplicidade pode ser tudo e qualquer coisa, exceto o uno, a identidade. Multiplicidade é  $n-1$ . (Sim, rizoma<sup>7</sup>). Bando é um modo de funcionar, um modo de pensar. Não é qualquer grupo que é um bando, aliás, quase nenhum, talvez?

Dizem D&G que o líder de um bando está mais para uma vedete do que para um homem de poder, pois sua posição se dá por prestígio e persuasão e ele pode ser abandonado pelos seus a qualquer momento. Dizem também que a chefia de um bando é um mecanismo complexo, não serve para promover o mais forte, mas, ao contrário, para fortalecer o tecido de relações imanentes, evitando que se instaurem poderes estáveis<sup>8</sup>. O bando como

estamos a pensar, reverte o modelo do Estado, funciona como máquina de guerra, sempre exterior ao aparelho de Estado. No bando que estamos querendo pensar, a liderança é uma posição, é móvel e é revezada entre quem está no bando, sem hierarquias, por exemplo uma determinada tarefa ou decisão pode ser tomada por alguém que acabou de entrar e acatada por todos os outros. É por isso que a liderança é um mecanismo complexo, porque não está personalizada e não tem prerrogativas. Liderar, inventar, problematizar, são ações que circulam entre aqueles que estão no bando, ora em pequenas aglomerações, que indicam caminhos para os outros, ora entre todos ou só em um, ou em várias pequenas aglomerações, não há modelo. O próprio bando, com seus movimentos de compartilhamento e revezamento inibe a formação de poderes fixos, institucionalizações e privilégios e isto fortalece o tecido das relações imanentes, essas que estão se dando aqui e agora, nos corpos. Podemos dizer que o próprio funcionamento do bando (des) organizado e sem poderes estáveis, já é uma forma de resistência porque já está praticando uma outra forma de pensar. Afirmamos que essa outra forma de agir já é outra forma de pensar, pois não acreditamos na existência da cisão binarizante entre teoria e prática, entre pensar e fazer. É possível que o movimento do corpo gere ideias e não apenas o contrário. É possível que ações criem realidades a serem pensadas e não apenas o contrário. Ação é também pensamento e vice-versa.

Pensar outras coisas da mesma maneira não é difícil. Em esforços de produção acadêmica, por exemplo, se faz isso a todo momento. Pensar de outras maneiras é difícil. Pensar de outras maneiras é pensar o impensado, aquilo que, até o exato momento no qual se inventa uma forma de pensa-lo, é impensável. O impensável, que ainda não foi pensado (e, quem sabe, muitas vezes não será pensado) exige que se mude a forma instituída de pensamento, a fôrma, exige que se crie outra lógica. O impensável é o fora. Fora da racionalidade instituída e seus raciocínios e concepções estabelecidos. Seria necessário, hoje, abandonar a lógica binária e inventar uma outra lógica, que seja capaz de praticar o pensamento como criação e não como reprodução, sem operar pela identidade (n-1), por deambulação e encontros produzir não estruturas, mas redes de criação e de resistência. Pensar de outra voa. Trata-se de inibir a instauração de formas de pensar estáveis.

Trata-se, assim, para nós, hoje, de criar dispositivos – os bandos-, que sejam, nas suas práticas, táticas de guerrilha contra o desenvolvimento da forma-Estado- Capital de vida. Bandos como movimento de resistência.

Nos lançamos à tarefa mais difícil que é a de não apenas anunciar a necessidade de se fazer isto ou aquilo, mas de tentar enunciar um modo de fazer. Por isso nos perguntamos pelo "como". Como resistir? Na mesma dança de um matemático que desdobra uma fórmula, demonstrando-a por metros e pode, ao final, com grande alegria, escrever energicamente C.Q.D. (Como Queríamos Demonstrar), num último giro do seu corpo, satisfeito, nós queremos bailar, um baile de loucos e cegos, para inventar formas de como fazer.

9 Foucault, Michel. *Segurança, Território, População. Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Edição estabelecida por Michel Senellart soa a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Eduardo Brandão. Revisão de tradução Claudia Berlemer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

10 Bey, Hakim. op. cit.

Hoje, 2020, pandêmicos, oscilamos, nauseados, pinguepongueando entre participar ou desistir, deprimir ou enraivecer, entre o fim do mundo ou o começo de um outro mundo... não vamos sucumbir, vamos inventar linhas de fuga. Vamos abandonar esse barco que chacoalha de um lado para "ou" outro. Dissidência. Cito Fucô: "'Dissidentes"' corresponde à palavra russa *inakomyслиachtchie*, 'os que pensam de outra maneira'""<sup>9</sup>.

Não se trata mais de desejar a revolução! disse Hakin Bey<sup>10</sup>. E nós dizemos: trata-se de pensar no seguinte movimento: pequenos bandos, muitos, infiltrados em todas as estruturas, instituições e estabelecidos, ao levarem o fora para dentro delas, já estão fazendo a revolução que funciona: guerrilhas. Ações efetivas de combate ao modo único de vida-não-vida que nos foi imposto, ao modo único de pensar, são ações que efetuam renovação, no melhor sentido de novo, anticapitalista, que é o de criação e não o de reprodução.

Paremos um pouco aqui. Não queremos romantizar a criação. Não podemos pensar em criação apenas como uma obra de arte incontestável como um poema de Drummond, por exemplo, uma genialidade como Cartola ou como as bordadeiras do Vale do Jequitinhonha. O próprio existir como ser humano é criação (ou deveria ser). Existir como ser humano não é reproduzir modos de vida, mas estar na posição de inventar modos de vida, que não precisam ser inéditos, geniais, obviamente, seria impossível cada um inventar uma coisa distinta, modos de vida não são individuais. Criação aqui é entendida como o próprio debater-se para criar a si, pois não se está já lá pronto. Estamos entendendo a existência humana mais como gambiarra, o jeito que se vai conseguindo dar, com os elementos que se vai encontrando, para botar as coisas para funcionar: sobreviver e dar sentido. As coisas têm de ter um sentido, a vida tem de ter sentido, caso contrário pode ser dispensada.

Mas, justamente é disso que se trata: já não se pode mais criar sentido próprio para a vida, pois este já se pode comprar, pois este é constantemente reproduzido e aplicado como injeção na testa desde antes de nascermos. Não podemos mais criar sentido para as nossas próprias vidas porque não temos tempo. #Somostodosohamsterdagaiola! O hamster corre na rodinha, dentro da gaiola, corre muito, corre exaustivamente e quanto mais corre, mais tenta confiar que está fazendo a coisa certa, quanto mais corre, mais pensa estar próximo de alcançar, corre e fica exausto, porém satisfeito com a rapidez estonteante, corre, corre, corre até que já não aguenta mais e cai e é arrastado para fora da rodinha. Ainda um pouco cambaleante, com o coração cheio de premente explosão de felicidade por ter conseguido, ele constata, atônito, que está no mesmo lugar: dentro da gaiola.

Não é possível criar sentido se a rapidez do capital é maior do que a velocidade de existir. Na criação de bandos como resistência, estamos pensando esta como re-existência, insistir em existir, entendendo existir como criar sentido, se conhecer, poder seguir um ritmo próprio, saber que sabe. Trata-se de se recusar a ser aquilo que não se é e reincidir em existir. Trata-se de invenção de outros modos de vida. Essa re-existência é um movimento constante, pois, sabemos, a existência não é um absoluto, imóvel, o qual se possa alcançar e aí ficar. A existência é volátil e movente e é preciso re-existir. A existência é capturada e fagocitada pelo modo de vida

11 Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução Raquel Ramalhet. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

12 Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa,  
tudo sempre passará [...].

Cf. música "Como uma Onda (Zen-Surfismo)", de Lulu Santos e Nelson Motta. Álbum Ritmo do momento. WEA Records, 1983.

13 A caracterização que faço de fascismo, no geral, é a que Vladimir Safatle tem feito, por esses dias, em textos e láivys (sic).

do capital, por isso os movimentos dos bandos devem eles também ser o de estarem constantemente se reinventando, por meio de seu funcionamento de revezamento e compartilhamento, como já dissemos. A re-existência, como invenção de modos de vida é afirmativa, ela cria formas, gambiarras que possam funcionar. Seus movimentos de criação são, apenas por efeito colateral, de oposição. Movimentos de re-existência não estão aí em função de negar isto ou aquilo, são movimentos de desvio, que afirmam a vida, criam sentido e modos de vida.

A prática de se embandar, se juntar em bando, no seu sentido ontológico, atualiza a ideia de que as subjetividades são, de certa forma, grupais, multiplicidades singulares, em movimento, atravessadas entre si e por acontecimentos. Sendo assim, a pergunta: é possível ser anticapitalista sozinho? perde o sentido, na medida em que somos todos outros, queremos dizer, cada um de nós, apenas para si mesmo é um "eu", para todos os outros bilhões de seres humanos do planeta, esse "eu" é um outro. "Eu" sou o outro do outro. Para embandar-se é necessário se livrar do individualismo. É necessário entender sua subjetividade como aberta e permeável, como rizoma. É preciso não ter covardia ou preguiça. É preciso entender o pensamento como ação. Entender o discurso como ação, caso contrário, calar-se. É preciso negar-se a ser um aparelho de reprodução da forma-Estado, um (des)humano, recusar-se a ser o que não se é. Bandos buscam inventar formas de agir-pensar de outras maneiras: isto já é sua resistência, afirmação de outros mundos possíveis.

Quando tudo compete para nos arrancar a vida de uma vez por todas, nos prendendo ao medo, dentro de uma tela, é hora do revide: re-existir! Como podemos nos juntar em bandos como forma de resistência à imposição desse "novo normal"? Quem quer ser normal? Norma de quem? Em seus estudos sobre o sujeito, Fucô quando destrincha a disciplina, como tecnologia de formação/formatação de um determinado tipo de individualidade, deixa evidente que esse processo só é possível a partir de uma norma<sup>11</sup>. O que é primeiro e fundante na normalização disciplinar é a norma, pois é a partir dela que se vai determinar quem é normal e quem é anormal. A norma é um modelo, ao qual é necessário estar conforme, para ser aprovado, em todos os âmbitos. Muito bem, a norma anterior à epidemia, era norma de quem? Qual o modelo seguido? Isso está ruindo? Está, de alguma forma, abalado? Ótimo! É agora, então, a hora da disputa de novos modelos, ou pela extinção de modelos. Como boiada, muuu, vamos sendo conduzidos ao "novo normal", que é uma exacerbação do modelo anterior, pior em tudo, maior desigualdade social (mais ainda?), maior violência contra as mulheres, maior miséria, maior expropriação de tudo, até do acaso. Ficamos trancados em nossas casas, nós, que podemos não sair, nós que temos casas nas quais ficar, ficamos acuadinhos aí, esperando isso tudo passar. Isto não vai passar! Ou melhor, vai passar, tudo passa, tudo sempre passará, Lulu<sup>12</sup> já nos ensinou. No entanto, quem ficar muuu, reproduzindo os modos de agir e de pensar que estão disponíveis, vai estar engrossando a onda que está afogando todo o planeta.

Tivemos muito azar, no Brasil, de estarmos passando por essa pandemia, ao mesmo tempo em que estamos submetidos a um (des) governo fascista<sup>13</sup>, que 1- cultua a violência de forma generalizada e organizada (miliciana, no caso), contra toda a população; 2- cria uma cisão interna inventando um inimigo

imaginário que deve ser combatido, com ódio; 3- entrega o país, toda sua riqueza, ao capital mundial, sem equilíbrio interno da economia (quem paga altos impostos são os pobres, o Estado salva os banqueiros); 4- tem uma insensibilidade absoluta ao destino das classes historicamente violentadas, tornando "normal", não é?, a desigualdade social funesta que vivemos; 5- transfere o poder a uma liderança totalmente narcísica, que está acima das leis, alguém torpe, "normal", com o qual uma parcela significativa da população se identifica e isso faz com que sintam que eles, propriamente, estão no poder e criam uma relação de idolatria ao "mito". Eles têm razão de chamar seu líder de mito, pois mito é propriamente aquilo que é inquestionável. Não se problematiza, não se duvida de um mito, ele está ali para ser cultuado e seguido, imitado.

Talvez o mais premente dos problemas filosóficos do presente, seja justamente a questão do tempo presente e daquilo que se é neste exato momento, Fucô disse. "Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser"<sup>14</sup>.

Cabe a cada uma de nós, neste exato momento, estarmos ocupados em imaginar e construir o que poderíamos ser. Por qual "novo normal" que nós podemos efetivamente lutar? Um outro mundo não vai surgir, lindo, para dar lugar a este, do nada, depois que o vírus puder ser controlado (se chegarmos a isso). Ao contrário.

Se juntar em bandos, para criar sentido para a vida juntos, para criar modos de vida juntos, inventar outras formas de agir-pensar juntos. Milhares de bandos, milhões de bandos, cada pessoa se embandando aos montes, fazendo conexões, bandos infiltrados nas instituições levando o fora para dentro delas, engendrando outras formas de funcionamento, outras lógicas, outros corações, outras peles. O bando é uma outra forma de organização social. O bando, suas ações-pensares são para-o-mundo, são construções de outros mundos possíveis. Não são grupinhos fechados que se auto massageiam, protegidos dos horrores do "o" mundo. Um bando vai ao ataque. Um bando é aberto. Se metamorfoseia. Nos juntar em bandos nas universidades, grupos de estudos, de ações, bandos na política, nos bairros, no prédio, bandos de mães, bandos psi, de veganos, planejar no excel, fazer tricô, de produtores de comida sem veneno, criar outras lógicas, compartilhar o quintal, bando de escrita, não usar carro, cozinhar juntos, bandos para defender as florestas, o clima, trocar coisas, escambo, ficar em silêncio juntos, cuidar das crianças alheias, do meio ambiente, bando de não fazer nada às vezes, proteger os animais, não produzir lixo, teatro, plantar um pé de salsinha, vários tomateiros, um milharal, pedir ajuda, bando hacker, viver com pouco, cerzir as roupas, reforma-las, podar na estação certa, disponibilizar sua biblioteca, bando de alfabetização, de dançar, geógrafos, poesia, bandos de saúde pública, de subir o morro, aulas de, estudar juntos, fazer arte, música, dar ajuda, música, dançar, fazer bolos, beber, transar, centro cultural, visitar museus, desenhar, cantar, cantar, fazer cálculos, preparar adubo natural, minhoca, fazer filminhos, ouvir, botar a boca no trombone, ficar com o cu na mão, escrever como quiser, pensar com o corpo, pensar com o corpo, as autênticas epistemologias do sul, o sul do corpo, sem cabeça, continuar adiante, desembestados, quando necessário, debandar e depois, se juntar de novo.

